

O corpo em desequilíbrio

ANTÔNIO MARINHO e JOÃO CARLOS LEAL

O senador Jarbas Passarinho, presidente da CPI do Orçamento, não agüentou. Nem o seu notório bom humor o salvou, aos 73 anos, de uma breve crise de hipertensão detonada pela forte carga de estresse criada logo nos primeiros momentos da Comissão. Carga de natureza bem diferente, mas intensidade semelhante à que recaiu sobre Manoel de Farias, **barman** do restaurante Antiquarius, no Leblon. A necessidade de coordenar dois telefones com os pedidos dos garçons

e dos clientes no balcão, somada às poucas horas de sono, provocaram em Manoel, há um ano, uma crise de estresse temperada até por lapsos de memória.

O **barman** e o senador ocupam os dois extremos do mais amplo e democrático grupo de risco da modernidade: o das vítimas do estresse. Uma doença que não é bem uma doen-

ça. Pelo menos, não existe com este nome em nenhum manual de medicina. Mas que, ao mesmo tempo, talvez seja a palavra mais citada em todas as áreas da medicina. Da cardiologia à reumatologia, da psiquiatria à ginecologia, especialistas acumulam pilhas de casos e filas de pacientes que vivem às voltas com do-

res musculares, cansaço, insônia, diarreias, hipertensão e uma lista de outros sintomas.

O estresse, contudo, pode ser evitado. Na página central deste caderno, uma bateria de testes elaborada com a ajuda de especialistas, é o radar. Uma eficiente maneira de se saber para onde se está indo. Aos médicos também não faltam formas de tratamento. E todas elas batem sempre na mesma tecla: é preciso saber viver.

Cavalcante

